ALCIDES VILLAÇA

ONDAS CURTAS

ALCIDES VILLAÇA

ONDAS CURTAS

COSACNAIFY


CÂMARA
DE
ECO

Dádiva

As maldades mais fundas do meu poço emergem só para mim
Imediatamente viram flores. Ofereço o buquê a amigos
que o tomam no colo e reconhecem pétala a pétala
a graça de tantas corolas. E dizem: que bonito!
Mas logo baixamos o olhar, como quem do chão ouve
o ruído das águas turvas, inquietando-se.

Esses poetas

Esse tem um plano, e já se aplaude.
Esse arde em memória, lembra e sopra.
Esse quer ter saudade, abre e morde.
Esse tem mistério, solta e fecha.
Esse faz humor, diz que desdiz.
Esse tem traçados, pesos, balanças.
Esse faz versinhos, chuleia em casa.
Esse faz história, borda pra fora.
Esse é rapsodo, come de tudo.
Esse é noctívago, retoca olheiras.
Esse é sonâmbulo, vive em sacadas.
Esse é pintor, usa dedos de água.
Esse é diabético, requer penínsulas.
Esse é ingênuo, dá o braço a virgílio.
Esse é irônico, quase não confessa.
Esse é dramático, cospe a própria máscara.
Esse é profundo, nunca vem à tona.
Esse é tão casto, toca luvas na harpa.
Esse é sem norte, sem sul, sem sorte.
Esse é tão seco, ninguém tem saco.
Esse é tão sutil, dedilha anagramas.
Esse é tão ambíguo, versos tão bimembres.
Esse é tão puro, tão puro, tão puro.

Homero no chuveiro

Mil imagens calorosas
em fluxo contínuo
mil ideias
em curso
a toda vela
acho que descobri o mundo

Breve
só há remos encalhados na areia
o vapor escorre no azulejo
e o herói acorda
embrulhado na toalha Bom-Dia

Evento oswaldiano

O grande poeta e ensaísta mexicano manifestava ao auditório lotado suas afinidades com a literatura de vanguarda em meio à leitura de seus poemas barrocos.
Solicitado a reafirmá-las por um jovem centroavante da vanguarda o grande poeta e ensaísta mexicano reiterou suas afinidades com a literatura de vanguarda em meio à leitura de seus poemas barrocos.
Mas quem roubava a cena era uma fotógrafa esguia de blusinha curta e jeans saint-tropez que para flagrar o grande poeta e ensaísta mexicano em poses de vanguarda
fazia tais malabarismos com o corpo elástico
exibia tamanho maleável no contorcionismo grácil
tantas posições arriscava atirando os cabelos
ora na pontinha dos pés
ora curvada nos joelhos
ora semideitada no lânguido carpete vermelho
que os rapazes e senhores mui entusiasmados não mediram aplausos ao fecho da sessão
o que deixou sinceramente comovidos o grande poeta e ensaísta mexicano e o pessoal da vanguarda

Compensação

Para os autores,
os livros de autoajuda
trazem uma grande vantagem externa
aliás implícita.

Já os autores
de livros de alquimística
sabem a metamorfose em ouro
da pura titica.

Minha esperança:
a lírica
animula vagula blandula
dirá às senhoritas
que meu interesse é praticamente desinteressado.

Erótica sintética pedagógica poética vanguardística

língua
língua
língua
e
meta
linguagem

(titica
titica
titica)

Signo assinado

o que um signo
significa
fica além
do que o signo
assina

o que o signo
assinala
fica lá

de lá a árvore olha:
estando agora aqui
ela não olha já

mas feche os olhos
e a ouvirá
em sua voz de árvore
(canto lá e canto cá)
no silêncio que signo algum
assassinará

A horta
A horta e o sol
A horta o sol os legumes todos
A horta o verde a luz

A horta
A horta e o crescimento
A horta e o crescimento ruidoso do verde
A horta e a música dos insetos

A horta
A horta e o vento
A horta e o cheiro das folhas crescendo
A horta e os perfumes

A horta
A horta e o calor
A horta e o peso leve das hastes
A horta e as carícias

A horta
A horta e a terra
A horta e as raízes levemente amargas
A horta e os dentes e a fome e os insetos
A terra

Dona crítica

A senhora não se avexe:
diga que sirvo pastiche
com molho de escabeche
e sorvo tudo em pistache
numa poção de dervixe.
É justo que me esculache
se tenho tão pouca ficha.
Eu mesmo faço capacho
dos versinhos que remexo.
Quanto ao ptyx... vixe!
não tenho concha que feche
nem esmeril que me lixe.

Como a senhora bem sabe,
hoje em dia está dificílimo ser original.

Seresta

Nenhum passarim dirá
o que à minha voz compete.
Não que ela é plena, ou confete,
nem que desacredite
o pio dos outros, jamais!

É que a garganta se esmera
numa demora das horas
que quando chega a nenhuma
já é pletora de óperas
e canta, mesmo que o falho
tenor se desculpe e pigarreie
num istmo de desolação.

Não. O cabaré já está cheio
dos eus que andei recolhendo:
nelsons, orlandos e sílvios,
celestinos e galhardos.

Nas galerias desta cidade
já não falta ninguém.
Por isso a Prefeitura resolveu
arrancar enfim os paralelepípedos
e passar por cima
da terra virgem
a lápide azul-petróleo.

O dó de peito
saiu
pelo bueiro da respiração
e se foi como uma nuvem
em busca das ondas curtas, as mais altas.

Litania de professor

Minha palavra tem sentido
porque tua pele tem ouvidos

Minha palavra tem sentido
se dentro há o nosso esquecido

Minha palavra tem sentido
quando teu corpo repousa vivo

Minha palavra tem sentido
se se contrai sem ter traído

Minha palavra tem sentido
quando já viveu comigo

Minha palavra tem sentido
quando revive contigo.

Poesia na escola

Para o Hélder

Atenção: este poeta nesta poesia tem tão
verdadeiro lirismo que seu eu é como
se também nós estivéssemos amarrados
nesta árvore notaram que ele a pintou
dentro dos olhos e esparramou-a por
nosso pomar que nem sabemos como vieram
parar em nosso colo estas frutas que não
podemos comer mas transitam com um gosto
de infância para sempre jamais perdida
e conclamam os passarinhos do mundo
que só quando cantam sabem se alimentar,
notaram?
Na próxima aula dou a bibliografia.

Pré-história

cantar
era apenas uma nuvem
anônima a ventar
sobre o rio.

um dia uma voz
conjugou o tempo
separou seu tempo
da eterna nascente

e na manhã seguinte
outro cantor cantou

Pedido

Que falam as pegadas na areia
de quem passou pela praia olhando
as nuvens e as estrelas?

Qual terá sido a canção do vento
que soprou na terra como no céu?

Alguém cante ou assobie
(para algum ouvido atento)
o rumo que tomou o vento.

Alílio

Flor? Passarinho? Duende?
Música do pré-natal
mnemésica amniótica?

Que nada. Pura invenção:
alílio = subst. adj. v. adv.
da enciclopédia do menino;
imagem direta da
luz da planta formada num voo
em que filho e mãe se misturam
como rio e mar,
juntando espumas, nuvens
e hinos
no pequeno coração alílio.

Poética

I.
O coração da poesia
são as metáforas

Para inventá-las
há que evitá-las

II.
O coração da poesia
bate no ritmo.

Nunca o paralisa
o ritmo dos silêncios

III.
O assunto da poesia
é outra coisa

Quanto mais idêntica a si mesma
Mais familiarmente estranha

IV.
A fonte da poesia
somos nós

Nossa bravura
Nossa covardia
Nossa bela incompetência

V.
O destino da poesia
sobrevive à folha
e à voz das traças

VI.
A missão da poesia
é muito precisamente

ser
o que
não há
fora
da poesia

VII.
A morte da poesia
não nos reconhecerá

Daydream

embrulhei esta palavra numa fo
lha branca e amassei para ver se tomava a forma de uma flor

Miosótis

foi parar no título de um conto
que eu já havia escrito e apagado tantas vezes

Era uma vez

— chega de sonhar

a insônia
faz prodígios

meu bem haja vista

o mar aqui dentro

e só me calei quando prometi a mim mesmo

nunca mais cultivar

formas de papel

pensando em pétalas
(ao menos nesta noite)

A volta do homem célebre

(coro: Zé Miguel, Nazareth e Machado)

Pestanazareth
Nazarethzé
mi-lá-sol-lá-ré

um dia uma junta de bois chorou no carro colonial
e villa ouviu bach-
inho um chorinho um passarinho um chupin-
iano acorde e acordou Nazareth para que ele moz-
artiasse um tal de Pestana que só sabia polcar

Pestana sempre polcou
e via que era bom
mas pouco
pois nascera para ser
filho famoso de um vigário
num conto melancólico
— e depois morrer

enquanto isso em todas as províncias capadócios em fausto
deram de trovarinos em flautas de pau e violas de pau
e tambores de lata e cantaram fauna flora amores rapsódias
no coração da Rádio Brasil
que cresceu
que cresceu
que cresceu
batendo trivial
sinfonias de corda e couro trilos noturnos toados consertões
assobios temperados serenatas barrocas fugas no curral
ginopedias februárias harmonopeias jobins mil-tons nascentes
bartoques de repique glissantes de cuíca árias regateiras
cravos euclidianos rosa em cata-vento chuvas de caetano
moinhos de Holanda gal-gol-gil-bertianos soluços celestinos
mazurcas altamiras maxixes com spleen dobrados de ciúmes
orfeões do asfalto musas caçarolas bandeiras madrigais

No céu
Pestana
incréu
se agita:
— Pai,

desço de novo
e termino
o Réquiem
Ergosum?
— Teimoso,
abre a porta,
vai.

O incorrigível Pestana
piscou um olho e trouxe consigo
um séquito de rigoletos
e fundou
para a frente e para trás
uma dinastia de reis
que gingam
ao mesmo tempo
fora e dentro
do coração
da Rádio
Brasil
que
toca
toca
toca-nos
sem
parar

Atuação

Quando o palco se esvazia
das parcerias dadas por eternas,
busca-se na coxia algum fantasma,
um olho entre cortinas, um
assopro no alçapão do ponto,
algum retardatário na plateia.

Mas entre spots persistentes
e cenários impávidos,
nem eco
das últimas falas, das palmas educadas

o monólogo volta pra si mesmo
e navega no ar, sem destino.

Nascer, como morrer, é sozinho.
Falar também. Ninguém ficou
para a frase extra.

A última camada
da melhor maquiagem
espelho algum guardará.
Repetir e repetir a mesma frase:
na câmara de silêncios abarrotada,

não faltam falas, contracenas, parcerias.
Assim se olham as fotografias
que dançam nos álbuns atirados fora.

De longe

De onde venham as vozes
de mim não vêm.
        Os pés nunca pus
        naquelas praias.
Ondas e nomes vão e vêm
porque há no corpo
águas e tambores
de memória própria:
        os rios
as danças
os mares
os solfejos.

Paixão segundo São Mateus

Bach preparando os homens
para o caso de Ele nascer
para o caso de Ele morrer
para o caso de Ele não ser

Bach no céu

Para Manuel Bandeira

Imagino Johann Sebastian Bach entrando no céu:

— Com licença, são Pedro?
— Faz favor, João. Só não repare a bagunça.

Adagio sostenuto

As notas lentas da *Hammerklavier* abrem sinuosamente uma trilha física nas ondas do espaço e passam a circular em órbitas de luz. Enquanto isso no início do século XIX Einstein retorna à casa de Beethoven a quem volta e meia visita para falar de suas teorias. Indiferente a tudo o pianista canadense dedilha no teclado e entoa baixinho de boca fechada o filamento melódico que circula no espaço em órbitas de luz. Fatos indiscutíveis que iluminam a mortalidade do meu sentimento.


SUAS
SOMBRAS

Madrugal paulistano

When I fall in love na alameda Glete
tocava na vitrola aquele hit do Nat
Magnólia, de flor, virou menina Mag.
O pisca azul-neon colhia-se na janela.

Não interessa o azul da adolescência breve?
Não vá morrer em sépia o que era cor mais leve.
São Paulo já foi nuvem, meu coração foi outro:
por que não repor Mag em sua primavera?

When I fall in love it will be forever
no primeiro Hi-Fi do último Telefunken:
nossas mãos se tocavam para o faustoso Gênesis
em que o ânimo de Deus encorajasse as águas.

Uma luz de outro anjo, tão vaga, se quedava
no mundo silencioso da carne telepática.
O estrabismo de Mag era um charme tão fino
na conjunção do olhar aceso azul abismo.

Em suor as mãos extáticas
fechavam-se numa audácia apenas enlaçada.
Penumbra azul, neon no parapeito.
Santa Cecília em luz na mag-madrugada.

Caso de férias

sergipana, 17: — moço que me casasse
me desse só uma geladeira

para mim: — moço tão branco
neste sol de bahias tem namorada?

para mim: já vai? me deixa
um retratinho, lembrança tão pequena

para si: se esse moço me casasse
me dava uma geladeira

Aprendiz

que bobagem supor que ela portava
o Livro Sapiencial a Energia
o Protótipo a Fonte a Pedra o Graal

deixou-se com teu corpo a ensinar
o que ele nunca soube não saber:
a mecânica do livre respirar

O poeta encabulado, ou: que Lesbia aquela!

O primeiro beijo eu não dei, ela me deu;
e antes que eu por mim me desse, o segundo,
e o terceiro, e o quarto; e antes
que ela perdesse a conta para recomeçar,
preveni-a, catulo, do meu pobre latim.

Era ela

só num canto de olho ela
cabe inteira

(numa folha ela
toda pecado e macieira)

na sombra ela
só cabe um seio

(aquele que
o sol perdeu)

ela só o silêncio
pulsa

(sob a
axila dela)

está sempre
ela nua (ela sabe)

jamais veste ela
outro corpo

mora num esgar
sem número: ela
foge quando vem
fica se vai

ela quando sai
ninguém viu

nem nada se dará por muito tempo:
ela funciona assim cresceu assim
aprendeu a viver num canto de olhar
num canto de boca
num susto, nua
que só ela

Lampejo

Ela só queria um abraço.
— Só um abraço, ela me disse.
Assim dizendo me enlaçou
como sucede nos abraços.

E se despediu contente,
e com leveza partiu,
levando o abraço consigo
e me deixando abraçado
naquele abraço partido.

Tiro ao alvo

Minuto incerto. Noite na sacada.
Pouco preciso: só a madrugada.
Bandos de moças nuas, em revoada,
no ar dançavam seráfica ironia.

Minha seta sem bússola apontava,
oscilando entre as curvas bem tratadas.
Ouso ferir a prática do escotismo
que poupa a folha, a flor, a ave rara?

Eis que na noite e contra o céu desfiro
a pontaria máxima de um tiro,
anos guardado em aljava de virtudes.

Minuto incerto, e logo alvoreceu.
Quanto ao meu alvo, lembro que voou
logo depois do verso que não leu.

Eurídice

Eurídice caminha pelo palco descalça mais que nua:
os pés que a levam leve sabem todo o alvor.
Desliza como dança, e deita os olhos no caminho.
Cobre de frescor o arrepio dos regatos.
Eurídice, para além de todo inferno e céu
atira Orfeu para os bichos da floresta,
como a onça, como o tigre, como eu.

Uma mulher

Quando a sombra longa longa
vem de tão longe e estaca
sobre meus olhos
uma luz aflita se irisa
em meu pelo eriçado de roedor sob a sombra
das asas longas
da tua rapina.

Velha toada

Já te fiz versos no horizonte.
Hoje te espero no portão como quem lembra.
Atrás de mim não tem casa,
não tem escada,
não tem janela e jardim.

Minha espera
é uma figura em meu colo
cada vez mais nova.

Todo dia encarcero teu nome
nas mãos em concha.
Eu o soltarei, se voltares,
para de novo
te esperar
te esperar
te esperar

Arco para uma mulher

dia virá em que o sol
mergulhe no mar sem
que um só olhar
te ilumine

nesse dia a linha
do teu corpo, desatada,
desenhará no ar
a saudade da tua nudez

Vago

a paixão sem história
que não se debruça à janela sobre a vida dos homens ao sol
é uma flor sem nome
daquela espécie mais escandalosa, sombra a explodir, silêncio

que faremos nós,
os que não sabemos detê-la ou matá-la, mas a alimentamos
pedindo-lhe que floresça, que dispare as pétalas, que rompa?

que ela se vingue, a flor,
e murche aos nossos olhos, e renasça em terra simples, bem além
da sombra nossa, do medo nosso, dos nossos braços curvos e reflexos

Receita de romance

nunca mentiu a confeiteira
a bater nuvens no ar

nem me sonegou o sal
que no branco suspiro silencia

Elas

Todas são bailarinas.
Sempre sabem
requisitar o palco
em que fazem
do corpo o que a alma escolher.

Todas dançam, magas. E buscam
encontrar os parceiros
sobre os quais rodopiem
até que eles confessem
quem, de fato, são.

Depois olham para o espelho
longamente
carentes do que já são.

Duo para baião

As pequenas delicadezas
desenham sombras na terra.
A silhueta chã da folha aérea
dá vida ao sol, menina,
faz renda, menina,
me ensina a namorar.

Pela manhã

do portão vejo-a passar
short esculpido em rosa
rabo de cavalo em ouro
colo torneado em jambo
onda de luz vaga marinha

e ela me deita um olhar
aquele olhar que me aninha
um olhar claro incisivo,
direto invulnerável
qual respeitosa netinha

Viagem

imagine
se sobre a casca do ovo pequenino
tombasse uma gota de limão corrosivo
e mal nascido quanto mal desperto
o filhotinho tivesse que voar
contra cortantes facas amarelas

como haveria ele de entender
a beleza sem parar das feridas?
teria tempo para sentir
a falta das penas sonhadas?
saberia como cantar
o brilho de cada susto de morrer?

(Não sei te explicar
essa luz que fia e desconcerta
meus melhores dias)


PLAYBACK

A costureira

Que me quer a memória, a costureira?
Vale-se dos meus dedos para sonhar,
e quando acordo mal me vejo.

Que me quer com retalhos
de colcha que nunca usei?
Vale-se de meu sonho para a estender.

Quem pula em meu quintal às horas mortas
e me põe trêmula ogiva sob a pálpebra,
coração de um azul que não pedi?

Quem se finge morrer, para cerzir
na sombra a própria sombra — e some
à prima luz?

Quem costura alta noite, quem pedala
as correias à ré, e me abandona
às figuras de gelo?

A costureira com seus figurinos
volta páginas e páginas, num contínuo
desfile de moldes agulhados.

Que me quer a mulher? Gargareje
seus préstimos quando queira,
só não me assalte o escasso tempo

que me costuro eu mesmo enquanto esqueço
o som da máquina extinta, e me recreio
com o corpo que tenho e o sopro ausente.

Retrato relâmpago

o olhar do menino
o olhar pensativo do menino
sentado no cachorro.

(o menino sentado no cachorro
esperou cinquenta anos
para se olhar pensativo
sentado no cachorro)

Seu Lima em seu portão

trinta anos depois
entra o balão gigante nesta conversa
trinta anos depois
enche-se aquela rua nesta
trinta anos depois
Seu Lima se lembra: ele acendia a mecha
e acenava para nós
o balão ia subindo
o balão vai subindo
vai caindo a garoa

Piano antigo

— Agora, *Incantesimo*.

— Agora, *La strada del bosco*.

— Minha gente, a abertura da *Cavalleria rusticana*.

E um fox, e uma valsa, e uma embolada,
no intermezzo para a segunda parte:
ária do *Elissir d'amore*
ária de *La Traviatta*
e o apogeu Fantasia do *Hino Nacional*, de Gottschalk

O velho enfim se vira e pergunta nos olhos
a medida do aplauso.

— Muito bem, seu Villaça! Muito bem!

Sorri e concede um extra:
versão facilitada de um tema da quadragésima.

Na cadeira de balanço austríaca
Mozart se distrai com os dezembros que voam pela janela.

Parada

o pai não mora mais aqui
nem a mãe
nem a amiga
nem o amigo

a casa não mora mais nesta rua
nem a cidade no mapa
nem o mapa na escola
nem a escola

ainda mora um muro
para onde arrasto um latão vazio de óleo
e subo
e miro
por cima

eis a planície e o sol
mas tanto tanto tanto sol
que me faz descer
e sentar
para descansar
na sombra do muro

Ritornello

ouvindo agora aquela música
ela me toma
e me leva àquela tarde
quando você respirava e juntos a ouvíamos

eu bem quis conversar
mas você fez psiu
você ouvia de olhos fechados

no meu silêncio contrafeito foi entrando aos poucos
teu silêncio feliz
tua escuta cerrada
onde a música
tocava
solta e livre
como toca
agora
exatamente
assim

Segredos

Quando foi que demoliram o Conservatório Musical Campinas?

Só hoje dei com o edifício novo
com a escada de mármore falso
com as duas velhas palmeiras
verdes quanto verdadeiras
cumprindo nova missão.

Tanto prelúdio de Chopin
tanto estudo de Scriabin
tanta sonata de Scarlatti
me perdiam nos dedos das moças
e voltavam para se fixar
e tanto voltavam e se repetiam
que ainda me perdem e se repetem
entre as palmas verdes e altas
entre sanhaços assustados
entre andorinhas sazonais
entre as raízes surdas
das palmeiras verticais.

Lenda

há tempos a corda está intacta
na dureza de um arco sem lira
na mira de um alvo tão furtivo
que dentro do arqueiro se prepara

há tempos um desejo se medita
recurva-se à luz do pensamento
e fica sendo a sombra de si mesmo
no coração da praça iluminada

há tempos a cidade se propaga
nas ofertas bastantes do mercado
enquanto o dedo singra no azulejo
imitação de nau em banho morno

um nome congelado na caverna
há tempos se bastou. ainda
conta a história de um desejo
que teve fim e nunca terminou.

Queda bruta

Quando caio em mim,
não é que sessenta anos hão passado?.
Sem danos de monta,
o corpo distraído segue andando.

NOTÍCIAS

Questão de ordem

Organizemos o Brasil em fila.
Cada um diz o nome, o que tem, o que quer.
Todos ouvem cada um
cada um ouve todos,
durante os séculos.
É certo que a cada morte
ou lapso na pesquisa
precisaremos recomeçar,
mas quem disse que o Brasil tem pressa?

Largo do Arouche

o gato safado continua rindo.
postretutas oswaldianas andradeiam vigilantes
as floriculturas abundam em ramilhetes
bem em frente à Academia de Letras
da imortalidade paulista

um dia isso foi belle-époque
atravessar agora é suicídio

olho pro quinto andar: morei lá outrora
naquela sacada
do edifício de pastilhas
vivia cheio de ideias

não tenho tantas como antigamente

Avenida São Luís

mundo de porteiros boulevardianos
fachadas de mármore mediterrâneo
vitrines com roteiros transatlânticos
velhinhas carecas de turbante e rubi
séquito de poodles branquíssimos

o domingo é o mais longo dos dias

não fosse a Place de la République
fingiria estar em São Paulo

Correria

os jovens são tão rápidos
falam rápido
andam rápido
ouvem música rápida
somem e reaparecem sem aviso
mudam rápido de opinião

nunca têm tempo
pra concordar comigo.

Que coisa

Fabrício amava Patrícia
e tanto lhe doía isso
na conversa que crescia
que o chamei sem querer: Patrício...
E ele mal deu por isso.

Exposição de fotos[1]

ANJOS

Os anjos parecem indestrutíveis. Não nos engane a erosão, quando são de pedra e posam no jardim dos mortos: o rosto carcomido olha para o seu próprio céu. Se a fotógrafa é sua cúmplice, a humanidade dos anjos se desenha, desce aos artelhos, põe-se de perfil, partilha conosco a condição de fragmentos. Mas, bem olhado, o anjo rebate com uma certeza de superação que nos incomoda. Não sei se o olhar da fotógrafa acentua nele a dupla estaticidade – estátua e imagem de estátua – ou o inequívoco dinamismo íntimo pelo qual vampiriza nosso olhar, nossos enredos pessoais, nossas disponibilidades, dando em troca uma forma para podermos repousar um pouco. Na consolação dos cemitérios – na praça povoada – a câmera lembra que poderia multiplicar ao infinito as lições dos anjos que, às vezes enfadados com tamanha largueza, amam emoldurar-se no tempo e no espaço, ao modo dos enigmas caseiros. Que nossos olhos saibam aprender com a cegueira fundamental dos anjos, com suas pupilas de pedra que não choram, investidas da plena certeza de uma alma futura.

MULHERES

As mulheres se olham por relâmpagos. Quando conversam entre si, as mais cruéis verdades são trocadas como inofensivas receitas caseiras. A rigor, é impossível fotografá-las: ao contrário dos varões, não posam para o épico, não se interessam pelas formas abstratas da máquina do mundo e se divertem com a versão *fashion* da própria verossimilhança. Sua epopeia é uma forma de riso contra a epopeia, toda concentrada nos detalhes e na solução pouco material da paixão. Talvez por isso a mulher-fotógrafa se vista de seus modelos e contracene consigo mesma quando foca a paisagem, a paisagem da mulher, o esconde-esconde do vestido, a sombra prenhe de luz, o caminho da mulher, a espinha da mulher, o pé em curva, o eterno espelho, os passos da mulher: a lente da mulher. Qual imagem dada como transitória deixa de atestar a luz permanente? Que nossos olhos saibam aprender com o corpo visível da mulher, com suas metonímias, com suas retinas apontadas que, ao lado da técnica dos fotógrafos de Esparta há a inversão de jogo das mulheres de Atenas: a luz que quer voltar para dentro.

1 Texto-painel para uma exposição de fotos de Anita Hirschbruch.

Momento

Um momento há (tão sem razão, e duro)
que nos verga.
O rosto surge em água turva.
As pernas, dormentes, querem ceder.
Todas as folhas são trêmulas,
os cães fogem de nós.
Tão amável seria um despenhadeiro
onde já sem peso descansar.

Não ter nome esse momento:
seu jeito de se vingar.

Os domingos

Justiça com os domingos:
eles começam em seda e pérola
porto ensolarado
nau aprestada
ares de viagem

É lentamente
que o domingo vai engordando

Perde um marfim
ganha suspeitas
retarda o almoço
pesado e acorda
estremunhado
em meio à tarde:
tarde demais

Os corpos moles querem morrer
o braço não alcança o botão da música
a televisão produz o espírito universal
não se fez a viagem água limpa não há

Há
o domingo obeso vergando tua espinha
moscas sem cachorro
e o relógio lento
e a nervosa euforia de um bar, tudo subúrbio
e soluços na praça vazia

A noite vem como esperança
de que tudo acabará em breve
para em breve recomeçar
a semana, o trabalho, a espera
do porto ensolarado, da nave mágica
dos nossos domingos

Menino nos braços

Entre um sono e outro aqui fora
teu olhar encontrou a árvore
e ficou um pouco nela
espelhando

Entre um sono e outro
teu ouvido deu pela música
e ficou um pouco nela
ressoando

Entre um sono e outro
nossos olhos se acharam
e ficaram assim por um tempo
perguntando

Mala de menino

Só o essencial de viagem:

- óculos escuros
- calção de banho
- álbum de figurinhas quase completo
- régua pequena para medir concha
- colherinha de cavar tatuíras

e a noite da véspera, interminável

Galinhas no quintal

No largo quintal interiorano
o menino ficou olhando a mulher jogar milho
sobre o mar de penas e bicos.

O menino também quer criar galinhas.
O menino me pergunta
quando teremos um terreiro assim
uma festa assim.
O menino quer
essa graça do céu cacarejante
essas plumagens de anjos coloridos
esse ti-ti-ti bonançoso
esse cardume de sóis barulhentos
essa extravagante felicidade

Mas sou pobre.
Ainda que possa um dia
lhe dar o paraíso das galinhas
não terei como sustentar
o menino do seu olhar

O primeiro mistério

Se a goiabada é feita de goiaba,
se de limão é feita a limonada,
do que será que é feita a madrugada,
a alvorada, a revoada... De nada?

A madrugada é feita dos passeios
que as últimas estrelas dão no céu;
a alvorada é feita da preguiça
do sol que acorda e os braços já estendeu;
a revoada é feita pelas asas
de quem durante a noite adormeceu.

Mas de que é feito o céu? E o sol?
E cada estrela? E quem voou
antes que houvesse asas
e em seu próprio mistério se escondeu?


SURDINA

Lição

Quem morre sorri da morte.
DANTE MILANO

Quem parte fala da morte
a lição desconhecida.
Por isso quis o ouvido,
pai, colado à tua boca.
Eu que o tempo tenho escrito
e lido desejos vivos
pus-me ouvinte do silêncio
antes que ele se fechasse
em sua boca, resumido.

Ouvi, sim, aquela música
da emancipação antiga,
à margem, sim, das palavras
que nos remendam, as tímidas.
Queria tua narrativa,
um pedido, prosa pequena
que meu corpo atenderia;
mas não ouvi mais que um sopro,
um insuspeito suspiro, resíduo
do teu primeiro vagido,
teu susto de recém-nascido.

Religação

Vendo que tinhas partido,
que de nós eras partido,
eu, que nunca rezei,
nem cultuei, nem pactuei,
vi minhas mãos se colarem,
minhas palmas, dedos meus;
por si mesmas se colaram,
minhas palmas, dedos meus,
tal uma flor de dois polos,
tal uma flor de dois polos,
que só a morte ilumina,
que só a morte ilumina,
que só se arma no adeus.

Promessa de pai

Prometeu voltar,
soprar no ouvido
a palavra da minha conversão.
Me bastaria, sim, ouvir o timbre
de aspereza familiar
para reconhecê-lo.

Não voltou. Ou talvez eu não ouça
o que a concha quer como som mais puro.
Pois o menino não custou a captar
o mar nas dobras do ouvido?

Talvez este fraque escuro
seja pesada doutrina,
e toda verdade mais leve.

Ou o que ele queria
em vida, ao falar da morte,
fosse clamar pela vida
que a nossa morte escondia.

(Viveu tão longo, tão longe,
apenas perto do espelho
com quem jamais se entendia.

Não admira o quebrasse
a cada dia, em nome da festa
que atrás do vidro haveria.)

Enfim, o nome não veio.
As roupas se despegaram
do cabide, voaram fotos,
canções viraram assobio,
e o piano emudeceu
na sombra da tarde vazia.

Um dia para Aracy

se lhe dessem mais um dia
qualquer dia
a escolher entre os vivos
por certo ela bailaria
um fox uma vez mais

se só um dia mais lhe dessem
entre vivos
compassos da vida
ela por certo bailaria
no salão do Venâncio Ayres

se apenas um dia lhe dessem
ela por certo escolheria
girar num preciso maio
de mil novecentos e
pouco mais

Vida rápida

Toda manhã a gente toma café
na xicrinha de ágata vermelha.
Um dia ela permanece limpa limpa
sobre a toalhinha branca branca.

Farewell

Pois então, adeus.
Mas como tudo é breve,
até breve.

Se tudo é passagem,
por Minas, de trem, e além,
passar bem.

Se tudo o que é mais distante
logo logo fica perto,
até logo.

Se no invisível se tem
mais do que se vê,
até mais ver.

Se outra lição não é
um verso senão a volta,
até.

Se o pássaro gauche
deitou por terra o céu,
farewell.

(Caiu um cisco
no olho do anjo mau:
ciao ciao.)

Quarteto para o João Luiz

I. COMPARTIR

Leve culpa de continuar
        (levíssima)
        a vida
quando o amigo a escondeu de nós
e partiu, resignação conquistada,
        para antes e depois.

Não precisar, e mais que nunca ser
        palavra.
Lembra-se das palavras?
Lembra-se do silêncio mais raro
        que as conduzia
        erráticas
        pelo rio
enquanto os olhos fixos eram luz?

Assim te lembro, eu culpado
        (mas tão pouco)
de meu pronome, meu verbo,
        minha respiração.
Era consolo um sonho continuasse a vida
        sem outro rito
        senão o de um
            sim.

Em mim terão memória os teus passos,
        cigarros, vinho compartido
        em suave desconfiança
        (certa vez rompida
        num abraço)

Mas você já sabe o que vale e o que não vale,
        se palavras e não-palavras tecem-se,
se tudo o que chamávamos de aurora
        amanhece.

II. O AMIGO E O AMIGO

reconstruí meu amigo
a salvo da amizade
para que ele ficasse
em paz comigo

o que partiu
levou a boca
os olhos
as palavras

me deixou o silêncio
nos reconstruiu

III. IMAGEM DE MINEIRO

Eis aqui tua foto
e teu sorriso, eis aqui.
Eis aí teu profeta de pedra
e tua terra, que te ampara,
tua rua antiga, tua colina.
Eis o olhar que te flagra e flagras
com ar de reticência semifranca,
tal alma oculta e leve, que se fecha
no coração das pedras e dos selos.

Eis aqui tua foto, tu de verdade,
comum entre os comuns, de pé, de óculos,
não sei se de manhã, não sei se tarde,
contra as nuvens de Minas, montanhosas.

Eis aqui teu lugar, tua paragem
junto ao teu profeta, teu signo de peixe, longe do mar.
Teu lugar é aqui: onde passaste,
disseste, ouviste, conjugaste
mão e gesto, coisa e nome,
sim e não. Onde escolheste
a forma que dá o corpo
a tudo o que é alma.
Onde forma deste ao sopro
que se expira
quando é preciso voar.

O sonho tinha um bar: conversávamos.
Cerveja para quatro: conversemos.
Seria infinita a conversa mas
nosso amigo tem que viajar
e você vê no relógio de mineiro
que é tempo de embarcá-lo.

Nossa amiga e eu te esperaremos.
O estoque deste bar é confortável,
mil garrafas douradas no porão.
Você se levanta contrafeito,
apenas a meio vai teu copo de espuma,
mas é tempo no relógio mineiro.

Antes da porta você se vira:
nossa amiga e eu prevemos
uma declaração solene
que os olhos, que a boca,
sabem sentenciar:

— Ninguém mexa no meu copo!

E ficamos a rir
das cautelas mineiras,
eu e nossa amiga,
aguardando tua volta.

Outra vezes outra

Para Margot

Quando há tanto sua morte envelheceu
que laranjais inteiros ressecaram,
e crianças antigas passam curvas;

quando, de tanto tempo, já é mais moça
a morta que o nosso espelho, e pela porta
ameaça invadir com vida maior que a nossa;

quando morrer, nela, é menos que vestígio,
e mais forte é o riso, e o perfume inciso;

e quando o piano novo dessa morta
já é velho como uma avó deitada ao longo,
à espera da moça, para tocar;

quando a morta assim remoçou
e não tolera cenho, ruga, traço nosso
de tola inquietação, e aliás se diverte
com a pompa que demos ao seu nome
e a pertences da memória, que ela apaga
com uma descarga de risos naturais,

— vemos que a morte é nossa, e a vida dela
faz dançar as folhas à nossa volta...

Dobradura

Pareceu-me cicatriz do teu rosto
a marca no papel fotográfico.
Pareceu-me especial efeito
a luz (tão viva) dos velhos olhos teus.
Pareceu-me, enfim, amarga essa foto,
como boneca dormindo de mentira
qual menina morta de verdade.

Assim as fotos, espelhos de alma própria:
parece que são tudo o que olham
e se enganam nas verdades, e acertam nas mentiras
— porque refletem nos desejos outra luz,
e em outras luzes o mesmo desejo.
Também ocorre que nada mais reflitam
quando se guardam num cristal fechado
nas pálpebras do tempo

Cruzamento

A moça muito antiga,
a prematura morta,
é uma criança inquieta
que ninguém sabe ninar.
Menor a cada dia,
a cada hora mais menina,
a morta muito antiga
toma a pista contrária
e vem ao nosso encontro.
Quando passar por nós
sequer terá nascido.
Será um capricho nosso,
imagem que desenhamos,
saudade de viver.

Agradecimento lapidar

não sabe comment
nem pourquoi
mas chorado será.

como não estará
para ver, desde já
agradece lembrando
que não lamenta
o que foi nem o que
não será.

ÍNDICE DE POEMAS

CÂMARA DE ECO

Dádiva
Esses poetas
Homero no chuveiro
Evento oswaldiano
Compensação
Erótica sintética pedagógica poética vanguardística
Signo assinado
A horta
Dona crítica
Seresta
Litania de professor
Poesia na escola
Pré-história
Pedido
Alílio
Poética
Daydream
A volta do homem célebre
Atuação
De longe
Paixão segundo São Mateus
Bach no céu
Adagio sostenuto

SUAS SOMBRAS

Madrugal paulistano
Caso de férias
Aprendiz
O poeta encabulado, ou: que Lesbia aquela!
Era ela
Lampejo
Tiro ao alvo
Eurídice
Uma mulher
Velha toada
Arco para uma mulher
Vago
Receita de romance
Elas
Duo para baião
Pela manhã
Viagem

PLAYBACK

A costureira
Retrato relâmpago
Piano antigo
Parada
Ritornello
Segredos
Lenda
Seu Lima em seu portão
Queda bruta

NOTÍCIAS

Questão de ordem
Largo do Arouche
Avenida São Luís
Correria
Que coisa
Exposição de fotos1
Momento
Os domingos
Menino nos braços
Mala de menino
Galinhas no quintal
O primeiro mistério

SURDINA

Lição
Religação
Promessa de pai
Um dia para Aracy
Vida rápida
Farewell
Quarteto para o João Luiz
Outra vezes outra
Dobradura
Cruzamento
Agradecimento lapidar

SOBRE O AUTOR

Alcides Villaça nasceu em Atibaia, em 1946. Cursou Letras na USP, onde é professor de Literatura Brasileira desde 1973. Publicou os livros de poemas *O tempo e outros remorsos* (1975) e *Viagem de trem* (1988), além do infantil *O invisível* (2011). Pela Cosac Naify, publicou o ensaio *Passos de Drummond* (2006).

© Cosac Naify, 2014
© Alcides Villaça, 2014

Coordenação editorial HELOISA JAHN
Assistente editorial RAQUEL TOLEDO
Projeto gráfico original TEREZA BETTINARDI
Revisão FABIANO CALIXTO
Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA
Produção de ePub JOANA DE CONTI

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Villaça, Alcides [1946-]
Ondas curtas: Alcides Villaça
São Paulo: Cosac Naify, 2014

ISBN 978-85-405-0809-5

1. Poesia brasileira
I. Título

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia: Literatura brasileira: 869.91

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2° andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br


BLOG
You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em setembro de 2014, com base na 1ª edição impressa, de 2014.

FONTES Flama e Nyte
SOFTWARE LibreOffice e Writer2ePub de Luca Calcinai